

## **AS PARTICULARIDADES DO DIABO BRASILEIRO**

MARTINS, Jaziel Guerreiro. *Biografia do diabo brasileiro*. Curitiba: A. D. Santos, 2015. 176 p.

*Willibaldo Ruppenthal Neto*<sup>1</sup>

Jaziel Guerreiro Martins é mestre em Religião e Cultura pela University of Birmingham (Inglaterra) e doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), atuando atualmente como diretor e professor titular das Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR), em Curitiba.

Sua tese de doutorado, intitulada *Sai, Satanás!*, foi o resultado de uma pesquisa sobre a *demonologia* e a *demonopraxis* como eixos hermenêuticos para a compreensão da Igreja Universal do Reino de Deus, objeto de seu estudo. Trata-se, portanto, de um especialista no estudo demonológico, especialmente no que se refere ao contexto brasileiro. A obra aqui resenhada, portanto, é fruto de uma longa jornada de pesquisas, sendo uma obra de especialidade do autor. Após inúmeras palestras ministradas<sup>2</sup> e artigos acadêmicos publicados (alguns capítulos de seu livro já haviam sido publicados como artigos) sobre a temática da demonologia, assim como mais especificamente da demonologia brasileira, o professor Jaziel agora publica um livro sobre o assunto que melhor domina: o diabo brasileiro.

Primeiramente, cabe destacar o que o livro de Jaziel não é. Não se trata de

<sup>1</sup>Graduando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR) e graduando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: willibaldoneto@hotmail.com

<sup>2</sup>Por exemplo, as palestras "O processo de formação e aculturação do diabo brasileiro", proferidas no 1º Seminário Nacional de Atualização Teológica e de Práticas Ministeriais, na FABAPAR, entre os dias 24 e 27 de março de 2014.

um manual teológico com os textos bíblicos que se referem a Satanás, nem é uma análise deste ser sobrenatural. O objeto de pesquisa estudado neste livro não é o diabo propriamente, mas o “diabo brasileiro”, ou seja, a concepção da cultura e da religiosidade brasileira sobre o personagem sobrenatural, que certamente distingue-se da percepção do mesmo por pessoas de outras localidades. Este ser, ou melhor, esta concepção demonológica bastante particular se deu no Brasil mediante diferentes influências que convergiram na concepção atual: “O demônio brasileiro, como o conhecemos hoje, é fruto do advento do cristianismo, mas ele tem suas particularidades, exclusividades e nuances só vistas, cridas e propagadas em solo brasileiro” (p. 4). Apesar deste livro não ser uma inovação absoluta no estudo deste objeto,<sup>3</sup> possui qualidade, profundidade e inova principalmente em sua metodologia, na relação entre as origens históricas (no Brasil colonial), teológicas (no catolicismo medieval e teologia norte-americana) e a prática atual, principalmente nas igrejas neopentecostais.

A busca pelas origens das particularidades com que os brasileiros representam, entendem e mesmo se relacionam com o “diabo brasileiro” leva o autor a duas áreas: a *demonopráxis* e a *demonologia*. A importância destes dois campos de estudo é evidenciada pela explicação logo nas primeiras notas de rodapé do texto, já na introdução. Assim, os leitores podem tomar conhecimento do que é cada uma: *Demonopráxis* é “o termo usado para indicar toda a prática demonológica como, por exemplo, as possessões, exorcismos, sabás, magias, incorporações, e elementos presentes nos cultos de ‘batalha espiritual’” (p. 2, nota 1); *Demonologia*, no entanto, “é o estudo da doutrina cristã acerca do diabo e dos demônios, bem como de suas atividades. É uma parte da Teologia que visa explicar a origem e função desses seres tidos no Cristianismo como anjos caídos” (p. 2, nota 2).

No primeiro capítulo, o autor visa conduzir o leitor à questão da reflexão sobre o diabo e principalmente sobre as particularidades do diabo brasileiro. No Brasil, muito mais que na grande maioria dos países, fala-se do diabo como a origem dos mais variados males: doenças, desastres, miséria e assim por diante, de modo que uma verdadeira multidão “não se importa em engordar a[s] contas bancárias de determinadas Igrejas tidas como evangélicas” (p. 9). Estas ditas “igrejas” não apenas

<sup>3</sup> A obra de Alfredo dos Santos Oliva, *A história do diabo no Brasil* (São Paulo: Fonte Editorial, 2007), já havia ressaltado o diabo nos discursos neopentecostais, porém não havia estabelecido a relação com a cultura popular católica colonial, que o professor Jaziel propõe. Trata-se, entretanto, de uma obra de história cultural (é a Tese de Doutorado em História de Oliva pela UNESP), que merece seu devido crédito.

incorporam o demônio ao seu discurso, como centralizam no diabo todo seu culto, suas manifestações religiosas e mesmo sua teologia. Assim, o discurso sobre o diabo toma o espaço do que deveria ser discurso sobre Deus, da mesma forma que as concepções cristológica, soteriológica, eclesiológica, etc., passam a ser formuladas “a partir da prática e do discurso sobre o demônio” (p. 12). Esse livro, portanto, visa responder à seguinte questão: “Onde estariam as raízes da ‘demonopráxis’ e da ‘demonologia’ crida, cultuada e propagada por determinados grupos religiosos no Brasil?” (p. 12). Ou seja: Quais são as raízes desta verdadeira “empresa” que se formou em muitas igrejas, estabelecida sobre a figura do diabo, e que atende a uma demanda de segurança, cura e libertação em relação aos poderes deste? A resposta organiza-se em duas partes: a primeira (capítulos 2-5) indica o desenvolvimento da *demonopráxis*, enquanto a segunda (capítulos 6-7) aponta as origens da *demonologia* brasileira.

Do segundo ao quinto capítulo, o autor busca apontar a demonopráxis presente no Brasil colonial, cuja influência e força ainda são sentidas hoje em diversas práticas e concepções demonológicas brasileiras. Em grande medida, segue - conforme o autor deixa claro em sua introdução - o que já havia sido delineado pela historiadora Laura de Mello e Souza, cujas obras *O diabo e a terra de Santa Cruz*<sup>4</sup> e *Inferno atlântico*<sup>5</sup> são as mais citadas nestes capítulos. A religiosidade do Brasil colonial foi marcada pelo sincretismo que, devido à influência das “raízes indígenas, europeias e africanas” (p. 33),<sup>6</sup> gera uma religiosidade com grande “porosidade”, na qual diversas crenças diferentes convivem e coexistem, não apenas na cultura brasileira mas também no imaginário de cada indivíduo. Na cultura brasileira, portanto, tal como aponta Pierre Sanchis (outro autor bastante utilizado), “é possível ser ao mesmo tempo isto e aquilo, numa coexistência ou rápida sucessão de identidades, múltiplas porque enraizadas em outro lugar” (citado na página 34).

A religiosidade popular, além de extremamente material, se apresenta como marcada pela superstição, de forma que são os “amuletos, talismãs, imagens, palavras, fórmulas de oração, gestos e assim por diante” (p. 43) que ganham expressão entre

<sup>4</sup>SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (edição utilizada no livro).

<sup>5</sup>SOUZA, Laura de Mello e. *Inferno atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>6</sup>Note-se que o autor não segue cegamente a tradicional ideia de três influências: uma indígena, uma europeia e uma africana. São várias culturas indígenas, várias culturas europeias e várias culturas africanas que se misturam e se relacionam em solo brasileiro. Assim, por exemplo, “Gêges, Nagôs, Iorubás, Malês e tantos outros trouxeram cada qual sua contribuição [...] superpondo ao sincretismo afrocatólico um outro quase sincretismo afro” (p. 91).

a maior parte da população. As várias práticas supersticiosas e mágicas presentes na religiosidade brasileira foram associadas ao demônio, criando uma dicotomia: ou Deus ou o diabo. Da mesma forma que os elementos estranhos à cultura europeia - sejam indígenas, africanos ou sincréticos - eram associados ao diabo, também na própria religiosidade brasileira cada vez mais a dualidade estava presente: “ora Deus levava a melhor, ora o diabo” (p. 97). Assim, o Brasil desenvolveu uma *demonopraxis* completamente singular, pois, apesar de ter semelhanças com a matriz europeia, apresentou peculiaridades decorrentes do contato entre as diferentes perspectivas religiosas, incorporando aspectos da religião africana e mesmo da cultura indígena, e criando outros tantos novos.

O sexto e o sétimo capítulos tratam da demonologia que veio a influenciar não apenas a teologia brasileira mas a própria cultura religiosa. O sexto capítulo apresenta a demonologia medieval, enquanto o sétimo capítulo aponta a demonologia norte-americana. Ambas contribuíram para a formação da atual imagem do diabo no Brasil, cada qual a seu modo. A Idade Média foi marcada por um crescimento no interesse pelo diabo, a tal ponto que na Baixa Idade Média “todo o mundo ocidental estava mergulhado na obsessão diabólica, produto final de imprecisões doutrinárias, crenças populares e sobrevivências míticas” (p. 113). Bruxas, demônios e feiticeiras povoavam o imaginário do final da Idade Média, quando o cristão era percebido como frágil diante dos poderes demoníacos.

A teologia norte-americana, descrita e analisada no sétimo capítulo, também influencia na concepção demonológica. A demonização de outras religiões marcou profundamente o protestantismo desde suas origens, uma vez que se fundamentou na oposição à já existente Igreja Católica, que passou a ser associada à besta e ao diabo. Apesar desta influência, as igrejas neopentecostais deixaram de lado dois elementos centrais no protestantismo norte-americano: o modelo de interpretação das Escrituras e o batismo no Espírito Santo (pentecostais). No lugar destes elementos, foram incorporadas práticas mágicas próximas do que se percebia na religiosidade popular desde o período colonial: “novenas, água benta, flores, chaves, sal grosso e assim por diante” (p. 126), criando uma expressão religiosa completamente particular, especialmente nas igrejas neopentecostais.

No último capítulo (oitavo), relaciona-se a *demonopraxis* de origem colonial e a *demonologia* resultante do catolicismo medieval e do protestantismo moderno com o “demônio brasileiro” apresentado em diversos grupos religiosos. Demônios causadores de doenças que podem ser vistos em radiografias, personagens famosos

demonizados e satanizados, pregações centradas e focadas no diabo, e mesmo o costume da possessão demoníaca ao final dos cultos, são algumas das demonstrações das peculiaridades do diabo brasileiro, que serve não somente para “explicar, justificar e teorizar fenômenos inexplicáveis pela racionalidade” (p. 131), como ainda para servir como bode expiatório pela dor, por injustiças, crimes, adultérios e tantos outros males que assolam a sociedade brasileira. Assim, muitas pregações falam mais de maldição do que de bênção, mais do diabo do que de Deus. Isto se evidencia no propósito das pregações, que passaram do anúncio da salvação e convocação ao arrependimento para a proclamação de cura e libertação. Em muitas igrejas brasileiras, portanto, os holofotes foram direcionados de Jesus Cristo para outro, o próprio diabo.

O livro aqui resenhado, portanto, é uma explicação do porquê há nas pregações e mesmo nas práticas religiosas brasileiras tanta ênfase no demônio, no mal e nos problemas. Cabe aos leitores refletirem se têm dado mais espaço ao diabo do que a Deus, se possuem ideias supersticiosas, mágicas, ou ainda se percebem o mundo a partir do poder de Deus ou do diabo, enfim, se não estarão também imersos neste poço cultural repleto de particularidades que é a religiosidade brasileira, que entre todas as suas expressões e personagens possui uma que se destaca e nunca sai de cena: o diabo brasileiro.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional